

PsittaScene Vol. 20, N. 3, Agosto de 2008

Traduzido por: André Becker Saidenberg

Índice

- 2 Mensagem do Diretor
- 3 Um dia decisivo... – A experiência com uma ave rara
- 7 Desmamar ou não desmamar – Comprando e vendendo filhotes não desmamados
- 10 Procurando por... - Maracanãs-de-cabeça-azul no Peru
- 14 Últimas notícias sobre os Papagaios-do-Congo
- 15 O novo fundo para o Papagaio-do-Congo é lançado
- 16 Deixando selvagem – salvando uma espécie – O Papagaio-campeiro de Belize
- 18 PsittaNews e Eventos
- 19 Contatos do WPT
- 20 Psitacídeos na natureza: Papagaio-verdadeiro

Capas

FRENTE: O Papagaio terrestre (*Pezoporus wallicus flaviventris*) realmente é uma rara visão. Na verdade, nenhuma fotografia de uma ave solta no meio selvagem existia até um dia decisivo no sertão Australiano. Estamos orgulhosos de compartilhar essa história incrível e as melhores fotografias jamais tiradas e publicadas dessa espécie. © Brent Barrett

VERSO: Escapando ao escalar uma árvore, a foto desse Papagaio-verdadeiro (*Amazona aestiva*) resulta em um momento cômico para o rápido fotógrafo e pesquisador. © Brent Barrett.

Mensagem do diretor

Ótimas notícias: Faz um ano desde que a União Européia banuiu permanentemente a importação de aves selvagens, uma coisa que nós no World Parrot Trust batalhamos muito para conseguir. E ainda melhor: Mais de dez milhões de aves foram poupadas desde o final de 2005 quando a proibição inicial temporária entrou em efeito. E a notícia também é positiva nos países exportadores.

A Nicarágua foi no passado o maior exportador de psitacídeos selvagens da América Central. E agora uma proibição temporária das exportações não somente parou o comércio internacional, mas também reduziu drasticamente o comércio de psitacídeos a nível nacional. Os psitacídeos selvagens para venda na cidade eram comuns no passado, mas hoje em dia isso acabou.

De maneira similar, o maior exportador da América do Sul, a Argentina, recentemente anunciou uma quota zero de exportação para psitacídeos em 2008. Esse fato irá salvar dezenas de milhares de psitacídeos selvagens este ano, e com um pouco de sorte irá continuar nos anos que se seguirem. Ao se corresponder com a secretaria do CITES (Convenção sobre o Comércio Internacional para Espécies Ameaçadas de Fauna e Flora), a Argentina reclamou enfaticamente que a proibição da importação na União Européia foi diretamente responsável por essa mudança na política pois eliminou seu principal mercado consumidor.

Esse tipo de efeito em cascata sobre a decisão da União Européia é precisamente o que nós esperávamos e que por muitos anos predizíamos que aconteceria – eliminando a demanda, elimina-se o fornecimento e conseqüentemente protege-se milhares de aves na natureza.

Conseqüentemente existem agora somente dois grandes exportadores no ocidente – a Guiana e o Suriname. Nós estamos ansiosos para nos concentrar nestes países nos próximos meses e anos.

Tendo recentemente retornado de uma visita inicial a Guiana, eu estou muito satisfeito em reportar que esse país extraordinário e intocado está trabalhando muito para ser considerado como uma “nação verde”. Estamos ansiosos para trabalhar com colaboradores nesse país para encorajar uma política mais progressiva em relação à exportação de aves selvagens também.

O comércio de aves selvagens nunca irá completamente desaparecer, mas as tendências nesses grandes mercados são muito encorajadoras.

Nós te manteremos informado!

Jamie Gilardi
Diretor

Um dia decisivo...

...Um Papagaio terrestre saiu dos arbustos e entrou para o livro de história.

Artigo e fotos por Brent Barrett.

Uma das lições mais difíceis na conservação, e também na vida, é que não importa quanto você procure a resposta para um problema, ainda poderá terminar sem respostas. Felizmente, de vez em quando um acontecimento aparentemente ao acaso abre a janela para seus sonhos mais impossíveis de se concretizar e traz as respostas tão procuradas que nenhuma tecnologia ou esforço pode produzir. Tal acontecimento me ocorreu no sertão do Oeste da Austrália durante a estação reprodutiva do Papagaio terrestre (*Pezoporus wallicus flaviventris*) de 2005.

Até o dia 5 de Outubro deste ano monumental, não haviam fotografias conhecidas de um Papagaio terrestre selvagem e sem ser capturado. Nenhum ninho havia sido localizado desde 1914 e muito pouco se conhecia sobre as plantas de que se alimentava. A atividade diária era deduzida de um projeto de monitoramento por rádio em 1989. Sob todos os aspectos o Papagaio terrestre era um enigma que guardava muito bem seus segredos.

Em Maio de 2004 eu publiquei um artigo na PsittaScene apresentando essa espécie de psitacídeo criticamente ameaçada ao mundo. Durante a primavera anterior, a agência de conservação do Oeste da Austrália havia me contratado para ajudar a localizar, capturar e translocar essas aves de maneira que fosse criada uma subpopulação dentro da sua área de distribuição original. Nossa equipe encontrou muito poucas aves nas duas populações conhecidas.

Uma terceira e confiável população parecia ter desaparecido por completo. Era uma situação muito grave. O projeto de recuperação havia mudado de uma missão de translocação da população para uma missão de busca e proteção *in situ*. Havia simplesmente muito poucas aves e muito desconhecimento para tentar uma translocação.

Durante os próximos dois anos as mesmas questões continuaram a aparecer sem haver respostas. Como os Papagaios terrestres se reproduzem com sucesso na presença de predadores terrestres e alados? O que eles comem? Onde vivem? Era uma lista assombrosa de fatores desconhecidos para uma espécie nos dias de hoje vivendo dentro de um país desenvolvido como a Austrália. Nós sabíamos muito pouco sobre nosso intrigante amigo de penas. Isso iria mudar, mas tínhamos de ser pacientes.

Agora sabemos que o curioso Papagaio terrestre leva uma vida bem diferente de outros psitacídeos com exceção do Kakapo (*Strigops habroptilas*) e do Papagaio noturno (*Geopsittacus occidentalis*). Ele não voa em grandes e barulhentos bandos e não ostenta uma plumagem com cores brilhantes. O seu chamado é sutil e nada parecido com de um papagaio, e facilmente imitável por outras aves com quem ele compartilha o seu habitat. Ele voa somente sob proteção do quase crepúsculo nos curtos períodos do amanhecer e anoitecer, escolhendo fazer tudo que necessita durante esses momentos com movimentos furtivos.

Durante o dia ele percorre entre os arbustos rasteiros forrageando por comida e como a maior parte das aves de climas áridos, descansa na sombra durante os horários mais quentes do dia. Seu comportamento de nidificação é tão secreto como o seu dia-a-dia.

O macho e a fêmea se encontram a 400m do local do ninho, chegando simultânea e silenciosamente. Nessa área de “acasalamento-alimentação”, o macho regurgita comida para a fêmea levar ao(s) filhote(s) no ninho. O macho então vai dormir numa área perto dali enquanto a fêmea retorna silenciosamente para o ninho.

São as últimas aves do sertão a vocalizar e passa-se bem depois do pôr-do-sol quando ele termina de alimentá-la. Ele não parece descansar próximo ao ninho o qual não é muito típico para papagaios. Enquanto que nenhum ninho jamais foi encontrado, eu sei que esses fatos do comportamento são verdadeiros simplesmente porque sou a única pessoa no mundo que os observou ao vivo.

Um dia decisivo na primavera de 2005 modificou as vidas da comunidade dos conservacionistas do Oeste da Austrália. Nessa terra dura e cheia de cobras eu acabei fazendo o mais incomum amigo – um macho em idade reprodutiva de Papagaio terrestre o qual chamei de Charlie. E assim ocorreu que quase todas as fotos que existem dessa enigmática espécie são de Charlie. Como isso aconteceu?

Não se engane pelo que você conhece sobre psitacídeos se tornando amigáveis com humanos. Essa era uma expedição científica – nenhum alimento foi oferecido, Charlie não se empoleirou no meu ombro ou dormiu em uma gaiola. Na verdade, ninguém jamais tocou ou manipulou um Papagaio terrestre desde 1989. Charlie simplesmente tolerava a minha presença e com o passar do tempo me permitiu aproximar até 1m de distância.

Isso era completamente anormal para essa espécie. Muitos dos maiores ornitologistas esperaram 20 anos na esperança de vislumbrar um Papagaio terrestre. Devido aos seus pequenos números e comportamento curioso de percorrer rapidamente através dos arbustos antes que sejam sequer detectados, essa espécie continua sendo uma das aves mais

evasivas na Austrália. Se acontecer de você cruzar com um, ele se lança pelo ar voando em zig-zag por 100m e então mergulha rapidamente até o chão e corre para um esconderijo.

Esse comportamento bastante similar ao de uma codorniz acabou por apelidá-los de “Codornas da grama” e ganhou o respeito de muitos observadores de aves experientes. Alguém poderia dizer que havia visto um Papagaio terrestre mas somente descrevia uma visão de um borrão da sua cauda enquanto ele rapidamente fugia do local.

Então porque Charlie era diferente? A resposta se encontra na estabilidade dos fatos que ocorreram. Nas pesquisas recentes de 2004, a sub população, o qual incluía-se Charlie, foi descoberta e mapeada. Naquele mesmo ano a equipe acampou por perto e monitorou o que podia-se observar da estação reprodutiva. E um filhote recém saído do ninho foi localizado ao seguir-se uma vocalização anteriormente desconhecida.

Eu tirei uma foto de baixa qualidade e finalmente o Papagaio terrestre virou notícia. Esse foi o primeiro jovem a ser visto desde 1913. No ano seguinte nós montamos um programa de monitoramento de larga escala na mesma área de reprodução. Lentamente encontramos mais e mais vocalizações, as aves foram observadas com maior frequência e nós pudemos montar uma imagem da atividade e compreensão do dialeto local.

Com o passar do tempo as aves começaram a nos tolerar mais e voltaram a viver normalmente. Ainda assim nós não podíamos chegar perto apesar de nos escondermos na vegetação, repetindo diversas vocalizações e andando em fila indiana através dos arbustos. Aparições rápidas era tudo que víamos. Então um dia aconteceu, uma ave respondeu ao playback da vocalização numa área aberta da vegetação.

Com a camera na mão eu fiquei observando através dos arbustos por 1 hora até que Charlie entrou para os livros de história e também em meu coração. As fotos foram manchetes e apareceram nas revistas e jornais locais. Elas são as primeiras desse tipo, mas significavam muito mais do que isso. Aqui estava nossa chance de mostrar às comunidades locais o quão magníficos e especiais eram esses papagaios e quanto eram importantes de serem protegidos.

Em 2004 tive de desenhar à mão as imagens para o artigo da PsittaScene, a única foto então existente claramente mostrava dedos segurando ao redor do pescoço de uma ave no cativeiro. Nós havíamos entrado em uma nova era. Na estação reprodutiva seguinte eu retornei do meu aparente descanso na Nova Zelândia para trabalhar uma última vez com o objetivo de finalmente encontrar um ninho. Já havia tirado as fotos que ajudaram com a publicidade – duvidei que essa sorte iria acontecer novamente.

Havia visto um jovem após uma série de acasos que não eram prováveis de se repetirem. Nada me preparou para o que iria acontecer.

De início tudo estava devagar, os arbustos silenciosos. Nenhuma ave foi observada na primeira semana. Haviam eles feito o famoso truque de desaparecer? Nós tínhamos perturbado muito durante o período reprodutivo anterior? Lentamente encontramos mais e mais aves.

Nós nos aproximamos destas aves lentamente, arriscando mais, escondendo debaixo de redes camufladas a metros das zonas de vocalização. Marcamos os locais das vocalizações e durante o dia procuramos na área Tateando. Ainda assim não encontramos nenhum ninho, nenhum filhote e nenhum local de pernoite. O tempo passou rapidamente e estávamos ficando sem tempo. Como poderíamos achar o ninho se não conseguíamos achar os adultos?

Então numa noite os vimos voando silenciosamente de lados opostos de uma clareira. Por duas vezes eles pousaram a metros de minha posição com os últimos raios de sol. Enquanto isso algo estranho estava acontecendo durante o dia. Nós conseguíamos encontrar facilmente um Papagaio terrestre usando a técnica do playback.

Na primeira vez ele se moveu rapidamente à nossa frente enquanto nós mergulhávamos na vegetação para esconder. Todas as vezes que perdíamos o seu rastro eu tocava o playback e ele para e respondia de volta. Nós conseguimos segui-lo por uma hora e perto do fim ele começou a forragear enquanto estava andando.

Poderia isso estar realmente acontecendo? Pelas próximas quatro vezes subseqüentes, algumas durando até 2 horas, duas coisas mudaram: Charlie parou de agir agressivamente em relação ao gravador e nós ficamos bem melhores em segui-lo.

Ele começou a exibir um comportamento normal, até mesmo se alimentando em nossa presença. Isso levou a identificação de 20 novos tipos de plantas e a um novo entendimento dos requerimentos de habitat. Em muitas ocasiões ele parou para descansar na sombra por 30 minutos enquanto que nós ficamos agachados a somente 2 metros de distância.

Nós gravamos todos esses comportamentos em vídeos, tiramos centenas de fotos e gravamos todas as vocalizações que ele fazia com exceção de uma. Essa vocalização foi posteriormente descoberta ser feita só por fêmeas. Ainda assim não conseguimos encontrar o ninho. Poderia Charlie ser convencido a nos levar até lá?

Um dia localizamos Charlie fora da área de alimentação usual. Procuramos na área e ouvimos um chamado distinto de um jovem. Nós incitamos Charlie a nos levar até 50 m do seu filhote e procuramos toda a área Tateando.

Isso aconteceu 400 m de distância da área “alimentação-acasalamento” onde nós tínhamos estado gravando em vídeo Charlie e sua parceira. Finalmente achamos o filhote de Charlie mas somente porque ele nos levou até a área onde estava se escondendo.

Então eu fui capaz de fotografar esse jovem recém saído do ninho antes que ele voasse e nunca mais fosse visto de novo. No entanto, devido a sua presença contínua na área, pelas noites subsequentes, nós sabíamos que o local do ninho estava muito perto. Apesar de todos esses acontecimentos incríveis, um ninho de Papagaio terrestre ainda não foi encontrado em quase 100 anos. Esse é um mistério que não foi desvendado.

Para ver um vídeo do Papagaio terrestre acesse: www.youtube.com/parrotsdotorg

Fotos:

O habitat vasto e denso em que o Papagaio terrestre habita torna fácil imaginar porque foi tão difícil de localizar e observar esses reservados papagaios que vivem no solo. Muitos observadores de aves experientes procuraram em vão por essa ave incomum. Ainda assim os que tiveram mais sorte podem ser recompensados apenas com um borrão verde e uma visão rápida da cauda antes que toda prova de sua presença desapareça na vegetação rasteira.

A perseverança compensa à medida que “Charlie” eventualmente permite a observação cada vez mais próxima. Ele fica cauteloso em áreas descobertas mas começa a forragear naturalmente, levando a descoberta de espécies de plantas completamente desconhecidas anteriormente e a uma melhor compreensão dos requisitos de habitat da espécie. Encontros contínuos pelos dias que se seguem começam a desvendar alguns dos muitos mistérios do dia-a-dia da espécie.

A melhor recompensa – seguindo cada movimento de Charlie, Brent Barrett, Francesca Cunninghame (fotos na página 4) e dois outros tem um golpe de sorte. Eles localizam o seu filhote que tem aproximadamente 2 semanas após sair do ninho. Depois que essa fotografia foi tirada, o filhote voou para um local protegido e eles se tornam as únicas pessoas no mundo a verem um jovem dessa espécie.

Seção Pet

“Desmamar” ou não “desmamar”

O escritor dessa edição E.B. Cravens tem reproduzido, criado, adestrado, e reabilitado mais de 75 espécies de psitacídeos durante os últimos 20 anos. Ele enfatiza em criar ambiente naturais para aves, que os filhotes se desenvolvam completamente até o empenamento completo durante o longo período do processo de desmame, e deixando os filhotes por várias semanas dentro do ninho com os pais de maneira que eles aprendam os muitos comportamentos naturais da sua espécie, e tem feito sucesso em modificar as vidas de muitas aves no cativeiro para melhor.

Ele tem escrito dezenas de artigos para revistas do mundo inteiro e na internet.

Para mais conselhos dos experts em psitacídeos visite: www.parrots.org Seção Forums, Experts e Bloggers.

Talvez nenhum outro problema na criação de aves em anos recentes tem criado tanta controvérsia e debate emocional como a venda de filhotes de psitacídeos ainda não “desmamados” por criadores e pet shops – e por uma boa razão!

Quando feito de maneira irresponsável, a transferência de um filhote indefeso bem no meio da fase de alimentação manual intensiva pode resultar em sérios problemas. Uma nutrição insuficiente ou desbalanceada pode levar a subnutrição, mau empenamento, deformidades ósseas, excessos ou deficiências vitamínicas, ou mesmo lesão renal ou hepática.

Um manejo sem limpeza ou exposição a microrganismos estranhos podem levar à doenças, infecções fúngicas, estase ingluvial, etc.; enquanto que uma técnica de alimentação inapropriada pode resultar em queimaduras ingluviais ou alimento aspirado nos pulmões.

Em adição a isso, um stress emocional incalculável e problemas de comportamento aparecem devido a negligência, sentir fome frequentemente, e técnicas de alimentação que ignoram os princípios básicos de nutrição.

Os filhotes de psitacídeos são bastante resistentes. A sua capacidade de resistência e desejo de sobreviver ficam óbvios a qualquer um que já criou mesmo alguns filhotes. Mas da mesma maneira, se torna aparente no mundo da avicultura que algumas pessoas inexperientes ou descuidadas fazem só o mínimo no seu papel de substituir os pais da ave para manter os filhotes vivos e se desenvolvendo.

Esses filhotes nunca se sobressaem ou prosperam, e claramente, nunca alçam o máximo do potencial como uma ave de estimação saudável. Os criadores, comerciantes e pet shops que tem o hábito de vender filhotes “não desmamados” a tais pessoas sem experiência, agem de maneira irresponsável. Em alguns casos o resultado final pode ser a morte do filhote.

Com as ferramentas, técnicas e conhecimento disponíveis na avicultura atual, a perda de um filhote saudável devido a um manejo errado por um dono inexperiente tentando lidar com as complexidades da criação manual, é um resultado triste.

A culpa é tanto do vendedor sem consciência e do comprador tolo que se deixa enganar! Não é de se espantar que muitos veterinários, especialistas em comportamento de psitacídeos e criadores de aves conscientes agora estão repetindo o sermão: “Não a venda de psitacídeos não desmamados”.

É interessante considerar-se quais são exatamente os motivos por trás de se vender um filhote não “desmamado”... Um dos mais comuns é pressa. Várias pessoas se ocupando de alimentar os filhotes o dia inteiro é um trabalho tremendo com tantos filhotes na maternidade e outros mais para chegar.

O stress e a dificuldade de se ter muitas aves em um criatório quase sempre resultam na perda dos métodos de criação natural de psitacídeos. A qualidade de vida para os casais reprodutores é afetada, enquanto que as necessidades emocionais dos filhotes são preenchidas de maneira falha.

A segunda razão para o desejo de se vender filhotes não “desmamados” é obviamente, dinheiro. Os criadores hesitam em manter os filhotes por muitas semanas se existe alguém que esteja querendo fazer esse trabalho.

E a terceira, os filhotes que ainda não se alimentam sozinhos são comprados e vendidos porque é isso que certos consumidores acham que é o que realmente desejam.

Essa é uma mentira promovida por alguns vendedores. Eles tentam convencer os compradores que filhotes não “desmamados” se tornam mais “ligados” e amigáveis do que filhotes “desmamados”. Na verdade, filhotes já “desmamados” e empenados, quando adequadamente criados, são muito menos problemáticos e muito melhor ajustados quando vão para um novo lar. Por muitos anos eu preferi vender alguns dos meus filhotes de oito a dez semanas de idade alimentados na mão, para uma loja de reputação na venda de aves onde trabalhei como gerente por sete anos.

O proprietário é um criador mais experiente do que eu, e que já criou na mão até o “desmame” centenas de psitacídeos, de dúzias de espécies diferentes. Eu confiava na loja Feathered Friends of Santa Fe e sabia que meus filhotes iriam ter cuidados excelentes nesse local.

Mas eu não faço mais isso pois acredito que psitacídeos se tornam mais confiantes e se desenvolvem melhor se crescem nas primeiras 16 semanas ou mais em nossos aviários perto dos pais.

Certos criadores preferem vender por atacado todos seus filhotes para “intermediários” que são experientes na alimentação manual e criação até o “desmame” antes de revendê-los. Uma vez mais, quando todos os lados envolvidos são responsáveis, não há motivos para um filhote correr riscos.

No entanto, pense quando um filhote se muda do seu ninho escuro e seguro para a maternidade do criatório, e daí para um intermediário para ser alimentado na mão, e então para um pet shop e depois finalmente até a casa do proprietário. São cinco grandes mudanças na sua vida, tudo num período de quatro ou cinco meses.

Não somente isso é difícil para o filhote assimilar, mas se não for feito adequadamente em cada passo, pode deixar traumas emocionais permanentes. Uma infância estável é um ingrediente crítico em criar-se um psitacídeo de estimação feliz!

Não é incomum observar-se as linhas de stress nas penas de uma ave marcando o exato momento do desenvolvimento de uma pena quando uma mudança ambiental abrupta ocorreu. Se um filhote deve mudar de ambiente, cuidados extras, amor e criação adequada são essenciais.

Os arquivos sobre eclosão e desenvolvimento e todas informações atualizadas sobre o filhote devem ser incluídas na transferência, juntamente com um suprimento da mesma papa sendo dada nesse momento. Transferir um filhote indefeso para um novo “habitat” já é bastante arriscado sem que o novo dono faça uma mudança imediata na alimentação.

E por fim, existem aqueles casos onde criadores não-profissionais – ou seja, o pessoal da pet shop sem experiência ou um dono inexperiente – compram um filhote não “desmamado”. É aí onde 95% dos problemas graves ocorrem. Em muitas ocasiões o novo proprietário simplesmente desconhece a espécie sendo comprada.

Por exemplo, a maior parte dos criadores parecem achar que se já criaram na mão uma calopsita ou um agapornis no passado, então eles tem o know-how de como criar adequadamente e “desmamar” um Papagaio Amazona ou Papagaio-do-Congo. De maneira nenhuma, acredite em mim, ter um filhote de Amazona ou de Maritaca nunca é a mesma situação para se cuidar.

Há filhotes que “desmamam” cedo e outros tarde, filhotes que se recusam a comer e filhotes que não tem nenhum estímulo de comer. Existem aqueles que estão sempre muito quentes ou inquietos, aqueles que tem medo da luz de aquecimento ou aqueles que simplesmente não ficam quietos no cestinho entre as refeições...

O segredo é o conhecimento. E não somente o conhecimento adquirido pela leitura, mas a prática pondo a “mão na massa”. Se há entre vocês aqueles que estão pensando em criar um psitacideo de médio a grande porte de uma espécie com que você nunca trabalhou antes, procure e consiga ajuda de criadores experientes que já criaram a mesma espécie na mão muitas vezes. Faça perguntas, converse sobre nutrição, aprenda sobre o tempo de “desmame” de cada ave e seu comportamento, e estude, estude, estude.

Aliás, algumas doenças letais tais como o polyomavírus são problemas graves em maternidades muito mais prováveis de tirar a vida de um filhote não “desmamado”. Esperar o máximo possível para adquirir sua nova ave de estimação enquanto você regularmente a visita enquanto está sendo “desmamada”, é uma vantagem do comprador.

O criador ou a loja que prefere vender psitacideos não “desmamados” tem uma responsabilidade muito maior. Tais vendedores sabem quando dizer absolutamente não para a transferência de um filhote não “desmamado” para uma situação ruim de criação manual. O novo proprietário que trabalha o dia inteiro e que planeja levar o filhote para o trabalho poderia ser um exemplo disso. Um novo proprietário que ainda não comprou uma gaiola é outro.

Muitas situações indesejáveis podem ser criadas pela venda de filhotes não “desmamados”. Por exemplo, já que muitos criadores fazem descontos nos preços de filhotes vendidos não “desmamados”, um comprador pode simplesmente querer conseguir um psitacideo pelo menor preço.

Tais razões financeiras são suspeitas quando consideradas em razão da quantidade de tempo e comprometimento necessários para alimentar na mão um psitacideo até o “desmame”.

Outra situação que tenho visto é quando um casal tem que dividir as tarefas de alimentar o filhote, mas um deles tem medo de ser mordido. Essa situação ocorre mais freqüentemente com as araras de maior porte que se lançam agressivamente para receber a papa.

Um desejo de escolher e se ligar emocionalmente de maneira forte com o novo psitacideo de estimação é outra razão para um novo dono querer alimentar na mão. Essa é uma idéia errada. Os psitacideos jovens não estão escolhendo alguém quando se grudam fortemente à pessoa que fica segurando a seringa com papa.

Essa não é uma forma de ligação emocional. Assim como ocorre na natureza, um filhote não se liga imediatamente com sua mãe ou pai. A qualidade e profundidade de amizade entre um dono e um psitacideo é determinado depois do “desmame” quando a ave de estimação começa a ter a formação de sua personalidade e pensar por si mesma. Os comerciantes de aves que coagem os compradores desavisados em criar na mão com essa falsa justificativa devem ser evitados.

Enquanto que as minhas recomendações são claramente contra que donos inexperientes tenham o trabalho de criar na mão, há um momento que considero ideal para que eles participem. O estágio inicial da fase de brincadeiras (que chamo de “fase cachorrinho”) é uma alegria para que os donos tenham contato.

Essa fase não começa normalmente até 2 semanas antes do esperado para o “desmame” e continua até a fase de empenamento completo. Noventa por cento dos filhotes não “desmamados” vendidos através da nossa loja em Santa Fé eram transferidos para os novos donos nessa fase final.

Nesse momento, as aves estão 90% empenadas, já diminuíram a alimentação para uma frequência de duas vezes ao dia usando uma vasilha aquecida e utilizando os dedos para comer nozes, sementes, vegetais, ração extrusada e outros alimentos mais duros. Depois de largar a seringa, eles ficam livres dos riscos de aspiração e queimaduras de papo.

Essa fase é muito mais divertida e tem a vantagem de acontecer quando o filhote está voando por toda parte e pode aprender a vir até você e até o pote de comida seguindo um comando. Esse é o tempo ideal no qual o novo dono pode começar as tarefas de alimentação do filhote.

É importante mencionar que onde quer que um psitacídeo seja “desmamado” deve-se proporcionar suficiente espaço para que a ave complete seu treinamento de voo. O “desmame” anda em conjunto com o aprendizado de voo adequado. Os psitacídeos jovens necessitam de muitas horas em locais fechados para desenvolver uma musculatura adequada e habilidades de voo avançadas.

Quando nos preparamos para mandar a ave para uma casa, instruímos os compradores a visitarem o filhote regularmente por dez dias para acostumá-lo a sua voz e ao toque. Nas duas semanas prévias à saída, os donos chegam no horário de alimentação da tarde e recebem instruções e praticam em alimentar o filhote com papa aquecida com seus dedos. Qualquer dificuldades são aplainadas antes que a ave deixe a loja!

Quando o filhote finalmente é levado, uma lista de instruções, alimentos mais duros para “desmame”, cuidados sanitários e de segurança, etc. são repassados e dados ao novo proprietário. Contatos para qualquer emergência são trocados juntamente com as instruções para ligar e dar notícias após 24 horas.

O filhote é trazido de volta para uma visita sobre os progressos feitos após 3 dias. O “desmame” pode ser uma época particularmente difícil. Em diversas ocasiões nós tivemos filhotes trazidos de volta após 48 horas pois não estavam se alimentando bem no novo ambiente.

Então, pode-se ver que a venda de um psitacídeo não “desmamado” não retira a responsabilidade do vendedor em relação à vida do animal. Uma vez que isso é compreendido, e tendo uma forte cooperação entre o vendedor e o novo proprietário, tal transferência somente pode ser bem sucedida ao final da fase de alimentação na mão.

Mas como já mencionei, como um comprador de psitacídeo, não há grande vantagem em levar uma ave para casa logo cedo. A visite frequentemente e deixe o “desmame” para profissionais que já tem criado o filhote por semanas. A estabilidade e paciência são essenciais para se conseguir criar a melhor ave estimação possível.

Você não se desapontará com o resultado.

Fotos:

A alimentação manual é um processo complicado envolvendo mudanças na privacidade do filhote, consistência da papa, horários de alimentação e um ambiente para exercitar o voo.

A sociabilização entre espécies diferentes, que são possíveis em um local de criação profissional, pode ser inestimável no futuro lar do filhote.

Porque um comprador iria querer retirar o filhote mais cedo? A ave aprende muito ao permanecer mais tempo com seus irmãos e irmãs.

Em busca da arara mais misteriosa Escrito por Toa Kyle

Chegando a uma curva do rio ouço uma ave que imediatamente reconheço como um psitacídeo mas que também soa um pouco desconhecida para mim. Peço aos meus assistentes de campo para remar a canoa para a margem mais próxima de modo a que possa conseguir ter uma visão.

A ave que ouço deve ser um filhote, pois está chamando de uma maneira repetitiva e barulhenta, sem dúvida pedindo por alimento. Finalmente eu as vejo, um grupo de três Maracanãs-de-cabeça-azul (*Primolius couloni*) abandonando o poleiro à beira do rio para ir em direção a outro mais à frente do rio.

Com certeza é um casal de adultos com um único filhote que os seguem, voando um pouco atrás de seus pais e ainda chamando incessantemente. Essa é a primeira boa chance que tive de observar essa espécie após quase uma semana de pesquisa que tenho feito na região de Ucayali na Amazônia Peruana.

Essa é uma experiência extremamente gratificante para mim já que a Maracanã-de-cabeça-azul era a única espécie que faltava observar na natureza.

Elas se empoleiram numa árvore bem alta na borda de uma área de plantação abandonada, chamada chakras no peru. A vegetação desse terreno é extremamente emaranhada e muito desenvolvida. Parece que leva uma eternidade para conseguir atravessar e chegar mais perto das aves. Felizmente as aves ainda estão por perto.

Escondo-me atrás de uma árvore bem grande para observar por vários minutos. A Maracanã-de-cabeça-azul é a espécie de arara menos estudada o que aumenta minha impaciência para observá-las assim de perto. Infelizmente eu fico muito ambicioso e tento tirar algumas fotos.

Uma das aves me vê e elas rapidamente voam para longe em direção a floresta distante do rio. Parte de mim fica tentada a continuar seguindo-as mas eu estou fazendo um trabalho de pesquisa que tem por regra retornar ao barco e continuar pelo rio na procurar de outras Maracanãs-de-cabeça-azul.

A natureza do trabalho requer que eu cubra tantas áreas quanto possíveis em um curto período de tempo. Parar para explorar raramente é uma opção.

Preocupações em relação ao seu status na natureza tem ganho importância nos anos recentes devido a diversos motivos. Por ser rara na comunidade de avicultores, as aves chegam a milhares de dólares na Europa e América do Norte.

Devido a que a renda per capita no Peru é de somente 7.600 dólares se torna óbvio que existem grandes motivos para a captura em grande escala dessa espécie. Comparada a distribuição da maior parte das araras, as Maracanãs-de-cabeça-azul se restringem a uma área relativamente pequena no sudoeste da Amazônia, principalmente no centro-sul da Amazônia Peruana com registros adicionais nas áreas vizinhas no Brasil e Bolívia (veja o mapa).

Nós já testemunhamos outras espécies de araras com áreas de distribuição bem restritas tais como a Arara-azul-pequena (*Anodorhynchus glaucus*) e Ararainha Azul (*Cyanopsitta spixii*) se tornarem extintas na natureza, portanto a Maracanã-de-cabeça-azul merece nossa atenção.

Também surpreendentemente pouco se conhece de sua história natural, requisitos de habitat e tamanho da população, então há uma necessidade urgente de se conduzir pesquisas por todo o território dessa espécie para melhor compreender seu status de conservação no meio selvagem.

Pode soar estranho que no século 21 nós ainda não saibamos do que essas aves se alimentam e o fato de que um ninho da espécie não tenha sido descrito. Considerando onde elas são encontradas isso não é uma surpresa. Essa região em particular da Amazônia contém algumas das últimas florestas realmente selvagens no planeta.

Ainda existem tribo de indígenas sem contato com a civilização moderna em partes do território da Maracanã-de-cabeça-azul e a densidade populacional é relativamente baixa. Em maio desse ano, muitas agências de jornalismo internacionais divulgaram fotos tiradas por um pequeno avião de um grupo de uma tribo desconhecida no oeste do Acre, bem dentro do limite de território das Maracanãs-de-cabeça-azul.

Dado a natureza remota de grande parte dessa região, levar a cabo uma pesquisa é tanto logisticamente desafiador quanto caro. Outra explicação possível para a escassez de informações sobre essa espécie pode ser simplesmente pela sua raridade na natureza.

Há um debate em andamento sobre quantas Maracanãs-de-cabeça-azul existem na natureza. Alguns pesquisadores discutem que devido às enormes áreas de habitat intacto dentro do território da espécie, possa haver até 50.000 aves no meio selvagem.

Outros são mais cautelosos e apontam que devido ao pequeno número de registros de avistamentos para a espécie, isso indica uma população muito menor, possivelmente menos de 3.000 indivíduos adultos. Nós sabemos tão pouco sobre as Maracanãs-de-cabeça-azul porque existem tão poucas ou porque ficam em uma área de acesso difícil?

Perguntas como essas podem ser respondidas apenas ao se colocar pessoas em campo onde se supõe que as Maracanãs-de-cabeça-azul existam. Com isso em mente eu parti para o rio Ucayali no último outono em busca dessas aves tão pouco conhecidas.

Esse trabalho de campo foi patrocinado pelo World Parrot Trust e pelo Fundo para conservação do Natural Encounters.

Eu escolhi a região do Ucayali por diversas razões. Apesar de que ela está situada na porção central do território da Maracanã-de-cabeça-azul esta região tem recebido pouca atenção dos biólogos.

A maior parte das informações que temos sobre as Maracanãs-de-cabeça-azul vêm da região de Madre de Dios no sudeste do Peru, famosa pelos grandes barrancos utilizados por araras e pela sua natureza intocada.

Em contrapartida, a capital do departamento de Ucayali – Pucallpa - está conectada a costa do pacífico através de uma rodovia asfaltada tornando a principal região de exploração de madeiras no Peru. Diferentemente de Madre de Dios, Ucayali tem áreas pouco protegidas o que proporciona uma oportunidade para observar como as Maracanãs-de-cabeça-azul lidam com o habitat de florestas que estão sofrendo variados níveis de alteração por atividades humanas.

O Rio Ucayali é um dos principais tributários do Rio Amazonas que se origina no Peru. O rio é simplesmente muito extenso para ser utilizado como forma de fazer pesquisas sobre araras e as rodovias são praticamente inexistentes. Eu aluguei canoas motorizadas de pessoas locais para navegar pelos rios tributários menores. Essas longas canoas de madeira são chamadas de peke-peke no Peru devido ao barulho que fazem.

O motor das peke-peke funciona muito melhor com gasolina do que com um motor de proa, mas ao custo de ferir seus ouvidos. Eu aprendi rapidamente que para melhor inspecionar as áreas com esse tipo de barco, precisaria desligar o motor e continuar corrente a baixo remando.

Eu fui acompanhado por um barqueiro e um “puntero” ou guia que iria ficar na proa e vigiar avisando sobre áreas mais rasas ou troncos submersos. Em muitas ocasiões nós batíamos em extensões de água rasa e precisávamos sair e empurrar o barco enquanto que caminhávamos pelo rio.

Quando os rios não eram navegáveis eu fazia pesquisas por terra, andando por trilhas utilizadas por caçadores. Essas são uma das florestas com maior biodiversidade no planeta e, portanto sempre era recompensado com observações de alguns insetos de cores espetaculares ou aves que nunca havia visto antes dessas caminhadas.

O primeiro tributário do Ucayali que visitei era habitado exclusivamente por comunidades dos índios Asháninka. Isso me surpreendeu de início, pois não estou acostumado a entrar em contato com os povos indígenas quando faço pesquisas de campo em outros lugares. No Brasil, por exemplo, os povos indígenas vivem em reservas que ficam fechadas para outras pessoas, especialmente pesquisadores estrangeiros.

Essa não é a situação no Peru onde as comunidades nativas são deixadas para se protegerem por si só. A maior parte dos Asháninka tinham seus próprios peke-peke, mas muito poucos tinham gasolina para fazê-los funcionar. Quando nossa canoa estava indo rio acima com o motor ligado, as pessoas vinham correndo de suas casas para dar uma olhada nos sortudos que tinham combustível.

É desnecessário dizer que eles ficaram surpresos de me ver sentado no meio do barco olhando pelos binóculos. Alguns estavam vestidos tradicionalmente e tinham uma pintura vermelha feita com urucum nas suas faces os deixando tão fascinantes para mim como eu era para eles.

Grande parte do território da Maracanã-de-cabeça-azul é habitado por povos indígenas e, portanto proporciona uma oportunidade única de colaborar em atividades de conservação. Assim como as araras, esses povos são dependentes da floresta que os rodeia para sua sobrevivência e tem um interesse genuíno pela sua preservação.

Sempre admirei os sentidos aguçados que esses povos possuem na selva. Meus assistentes Asháninka desconheciam de início a vocalização da Maracanã-de-cabeça-azul, mas rapidamente a decoraram e freqüentemente detectavam as aves antes que eu percebesse.

Apesar de que inicialmente vim a essa região procurando uma ave pouco estudada, na minha despedida também fiquei muito preocupado com o futuro de muitas comunidades indígenas que visitei em vista da ameaça por meio da invasão de madeiros, mineiros e empresas de petróleo.

Eu visitei um barranco de argila perto do primeiro tributário que visitei numa manhã e fiquei desapontado de ver redes colocadas. Grandes números de psitacídeos se agrupavam sobre o barranco nas primeiras horas da manhã, mas felizmente nenhuma ave desceu até o nível do solo para ingerir a argila. Meu guia disse que membros de outras comunidades tinham colocado as redes para pegar aves e comê-las.

Infelizmente eles tinham ou esquecido ou deixado de lado as redes o que significava que qualquer ave que ficasse presa iria morrer sem poder se livrar. Me contaram que maior parte dos barrancos de argila estavam sendo explorados tanto para captura como para caça.

Há uma necessidade urgente de melhor proteger as aves e mamíferos que freqüentam os barrancos de argila no Peru apesar de que implementar esse tipo de proteção seria bem difícil. O turismo de Madre de Dios tem sido utilizado com sucesso para proteger os barrancos. Infelizmente em Ucayali o ecoturismo é praticamente desconhecido.

À medida que me aproximei de Pucallpa haviam menos povoados indígenas ao redor dos tributários do rio Ucayali e em vez disso haviam mais populações de mestiços e madeireiras. No final, as Maracanãs-de-cabeça-azul estavam ausentes ou eram vistas raramente nesses locais comparadas a aquelas com mínima exploração de madeiras.

Na verdade, a maior parte da biodiversidade de psitacídeos era previsivelmente menor nas áreas sendo exploradas. Das cinco áreas pesquisadas, três tiveram avistamento de Maracanãs-de-cabeça-azul, apesar de que em um dos locais apenas houve o avistamento uma única vez durante o período de quatro dias.

De longe a melhor área para as Maracanãs-de-cabeça-azul que visitei foi a região de Purus. Somente 4.000 pessoas vivem nessa área extensivamente coberta por florestas, a maior parte deles sendo povos indígenas pertencentes a oito diferentes grupos linguísticos. Localizada na ponta sudeste do departamento de Ucayali próximo a fronteira Brasileira, Purus é também a área logisticamente mais difícil de se pesquisar.

Todos os rios aqui correm em direção leste para o Brasil e a Bolívia e, portanto isolam a região do rio Ucayali que corre em direção norte para Pucallpa. Os residentes são quase totalmente dependentes dos vãos cargueiros poucos freqüentes de Pucallpa para trazer alimentos e materiais.

A gasolina era vendida por 15 dólares o litro quando estava lá. Em antecipação a isso eu comprei toda a gasolina que precisava em Pucallpa para ser trazida até Purus depois de minha chegada. Enquanto esperava eu consegui caronas de comerciantes que iam viajar rio acima para trocar suprimentos com as comunidades nativas em troca de bananas e iúca.

Eu pude ver as Maracanãs-de-cabeça-azul diariamente durante essas viagens, freqüentemente em pequenos grupos familiares de dois a cinco indivíduos. Purus aparentemente é rica em árvores de mogno e para melhor proteger essa espécie que desaparece rapidamente, o governo Peruano recentemente implementou uma moratória de dez anos em todas as atividades madeireiras na região.

São más notícias para os vãos cargueiros levando suprimentos para os habitantes (e levando lenha de volta a Pucallpa) mas boas notícias para a floresta e as Maracanãs-de-cabeça-azul.

Apesar de preliminar meu estudo sugere uma distribuição extremamente localizada de Maracanãs-de-cabeça-azul na região de Ucayali apesar de que as razões para isso sejam mais complicadas do que a simples presença de pressões de madeireiras.

Como freqüentemente ocorre em pesquisa, eu encontrei mais perguntas sobre essas aves ao terminar o estudo do que tinha ao começar. Apesar de que fui capaz de identificar as áreas com pequenas populações de Maracanãs-de-cabeça-azul, eu ainda assim falhei em coletar dados importantes sobre as preferências alimentares e de habitat.

O objetivo do WPT no futuro é auxiliar na implementação de estudos sobre a ecologia básica dessas aves para melhor compreender porque são encontradas em algumas áreas e estão ausentes em outras. Idealmente mais pesquisas podem ser feitas em outras áreas de distribuição da espécie, em especial no oeste do Acre e noroeste da Bolívia.

Apesar de que algumas das florestas, onde as Maracanãs-de-cabeça-azul se encontram ainda estão intactas, seu futuro é bastante incerto. Em anos recentes o governo Brasileiro tentou impedir a ação de exploração ilegal de madeireiras na Amazônia o que são boas notícias para essas aves encontradas naquele lado da fronteira.

No entanto, tal ação irá provavelmente criar uma maior demanda por madeiras das florestas vizinhas no Peru e na Bolívia onde as agências de proteção ambientais são mal equipadas ou mesmo inexistentes.

Em adição a isso, a primeira rodovia a conectar o Brasil até a costa Peruana, através do Acre e Madre de Dios (a rodovia Trans Oceânica), está quase completa e que juntamente com uma exploração crescente de gás na Amazônia Peruana irão sem dúvida aumentar o declínio do habitat disponível para essas aves. É importante que nós intensifiquemos nossos esforços para melhor compreender os requisitos de conservação desses psitacídeos engimáticos.

Fotos:

Maracanãs-de-cabeça-azul (acima à direita) ocorrem no leste do Peru, extremo oeste do Brasil e noroeste da Bolívia. Sendo a menos estudada de todas as araras; sua população é considerada estar em declínio apesar de que estimativas são difíceis de se fazer devido ao pequeno número e habitat extremamente remoto.

Um peke-peke é uma canoa motorizada utilizada para investigar os rios remotos atrás das Maracanãs-de-cabeça-azul. Um jovem indígena Asháninka fica na função de “puntero” – utilizando um bastão comprido para evitar obstáculos. Carregar sua própria gasolina é essencial ao inspecionar áreas onde não há combustível para comprar.

Existem aproximadamente de 25.000 a 45.000 índios Asháninka remanescentes, a maior parte no Peru. Sendo o maior grupo indígena na Amazônia Peruana, eles são uma sociedade predominantemente agrícola, cultivando mandioca, bananas e mamão. Tradicionalmente os Asháninka, homens, mulheres e crianças pintam os rostos com vermelho vivo extraído de sementes de urucum.

A Arararinha-de-Colar (*Primolius auricollis*, à esquerda) e a Arararinha-maracanã (*P. maracana*, à direita) são as duas outras araras do gênero *Primolius*. Elas são predominantemente verdes e menores que outras espécies de araras, que se intercalam em distribuição no centro da América do Sul. A *P. Couloni* tem a menor área de distribuição entre as três desse gênero.

À esquerda – Os animais selvagens capturados, na maior parte psitacídeos, são vendidos em um mercado comum em Pucallpa, a capital do departamento de Ucayali. Apesar de que a venda de animais selvagens é teoricamente ilegal no Peru, não há grande esforço para se aplicar a lei.

À direita – Uma rede estendida num barranco de argila é uma prova de caça e captura nesses locais onde a vida selvagem se reúne.

À esquerda – Os locais de acampamento utilizados enquanto pesquisava as araras consistiam de simples cabanas de folha de palmeira construídas sobre dunas.

À direita – o desmatamento é bastante ativo em muitos dos tributários dos rios inspecionados. Sem ter maquinaria pesada para o trabalho, a maior parte dos troncos é jogada rio abaixo pelo Rio Ucayali e então levados por barcaças até serralherias em Pucallpa. Muitos não chegam até o local e se acumulam em grandes pilhas.

Mais Papagaios-do-Congo soltos...

Últimas notícias: Escrito por Felix Lanckenster – Centro de Vida Selvagem de Limbe (LWC)

Em dezembro de 2007 resgatamos 1.220 Papagaios-do-Congo capturados ilegalmente. Aproximadamente 700 aves foram liberadas quase imediatamente. As restantes tinham as penas danificadas devido a cola que foi usada para capturá-los ou tinham sido cortadas de propósito pelos traficantes.

Cada um destes papagaios maltratados foram cuidados em Janeiro de 2008 com a ajuda de uma equipe de veterinários enviados pelo World Parrot Trust, e vêm se recuperando desde então. Agora, quatro meses mais tarde, alguns demonstraram através de sua ótima capacidade de vôo no recinto, que suas penas cresceram o suficiente para começar a fase final de soltura.

No entanto, essa será diferente das solturas anteriores, pois ao invés de se levar as aves capacitadas para uma floresta próxima, nós decidimos simplesmente abrir o recinto e permitir que eles voassem livremente segundo seu próprio ritmo.

A decisão de se optar por essa estratégia de soltura tipo “soft release”

A visão de um bando de papagaios voando em conjunto através das árvores do LWC é realmente uma incrível visão, principalmente quando se consideram as horríveis condições nas quais eles chegaram 6 meses atrás.

A luta continua

Escrito por Fidelis Pegue Manga, resumo do artigo Jornal The Post

Dois conhecidos traficantes de papagaios, Roger Atangana e Ignace Onana foram recentemente detidos e presos até julgamento pelo captura ilegal de Papagaios-do-Congo. A dupla é responsável pela captura de mais de 5.000 papagaios a cada ano no Parque Nacional Lobeke e na zona vizinha na província do leste. Essa detenção foi organizada pelas autoridades locais de proteção às florestas e vida selvagem, em colaboração com a polícia e facilitada pelo WWF.

Atangana foi preso em sua casa depois de uma luta em que recebeu um tiro no braço. Onana foi preso enquanto estava tentando capturar papagaios numa clareira da floresta dentro de Lobeke (à direita). Eles têm estado operando em conjunto por mais de 10 anos.

Até esse ano eles são suspeitos de terem massacrado perto de 1.000 papagaios, exportando as cabeças e caudas para supostas propriedades medicinais, de acordo com as autoridades de vida selvagem.

Oitenta por cento dos papagaios exportados dos Camarões são capturados em Lobeke que contém a população mais significativa de Papagaios-do-Congo. Quase 15.000 papagaios são retirados da região todos os anos, apesar de que quase a metade desse total acaba morrendo durante o transporte devido a maus tratos.

Os traficantes na maior parte das vezes transportam as aves durante a noite para evitar os muitos postos de controle policiais. Os papagaios-do-Congo são classificados como espécies classe A (totalmente protegidos) no Camarões e só podem ser capturados ao se obter uma autorização especial do Ministério de Proteção às Florestas e Vida Selvagem.

O WPT inaugura o fundo para os Papagaios-do-Congo A espécie ameaçada recebe uma ajuda

Anteriormente disperso sobre a África equatorial, o Papagaio-do-Congo (*Psittacus erithacus*) agora está ameaçado por grande parte do seu território natural e está desaparecendo em muitos países.

As populações selvagens estão em declínio devido a destruição do habitat, caça, e captura para o comércio nacional e internacional de aves de estimação, e devido a conflitos pela utilização da terra. O Fundo para salvar os Papagaios-do-Congo do WPT foi inaugurado para ajudar esses populares e carismáticos papagaios a sobreviverem.

Os objetivos do fundo são proteger os Papagaios selvagens através de:

*Terminar com o **comércio** de captura de todos os Papagaios-do-Congo:*

As populações de psitacídeos por toda África tem sofrido perdas contínuas por décadas devido a captura para o comércio de aves de estimação. Uma das espécies mais afetadas é o Papagaio-do-Congo.

Durante o período de 1994-2003, mas de 359.000 indivíduos selvagens foram registrados ao serem exportados de diversos estados e mais recentemente tem sofrido com o comércio de medicina tradicional. Nossos esforços irão continuar a encorajar os governos regionais e ONGs locais a apoiar os embargos de comércio, os esforços para capturar traficantes, e fazer valer as lei sobre vida selvagem.

*Ajudar nos esforços de **reabilitação** e soltura das aves confiscadas:*

Quando os esforços locais tem sucesso em impedir o comércio ilegal, as aves freqüentemente acabam precisando serem acolhidas e reabilitadas antes que possam ser reintroduzidas na natureza. Com mais de 20 anos de experiência, nós do WPT estamos numa posição única de proporcionar ajuda veterinária e conselhos sobre o manejo adequado para ajudar essas aves.

*Encorajando alternativas **sustentáveis** à captura de papagaios:*

O comércio de aves selvagens continua devido à grande demanda. Isso cria uma renda individual e para comunidades, que se beneficiam desse comércio. Quando os esforços para se fazer valer a lei são bem sucedidos em impedir o comércio, fontes alternativas de renda devem ser encontradas para essas comunidades de modo a alterar permanentemente a sua dependência da renda originada do comércio de papagaios. Nós vamos trabalhar para encontrar fontes alternativas sustentáveis que ajudem a proteger os papagaios.

*Restabelecimento de **populações selvagens** em áreas adequadas de seu antigo território de distribuição:*

Os declínios nas populações de Papagaios-do-Congo tem sido notados em muitos países Africanos. Apesar de que o habitat adequado e protegido possa ainda estar presente em parques nacionais e reservas, freqüentemente nenhuma ave restou. Nós vamos trabalhar com os governos locais e ONGs para reintroduzir papagaios recém confiscados nas áreas onde ocorria a espécie anteriormente para reintroduzir a espécie em ambientes adequados e protegidos.

Aumentando a **consciência** para as dificuldades enfrentadas pelos Papagaios-do-Congo:

Nós continuaremos os esforços para ensinar as comunidades locais e aumentar a atenção internacional para os desafios para a sobrevivência dos Papagaios-do-Congo.

Precisamos de Sua Ajuda

Seu apoio e ajuda são cruciais para nossos esforços em salvar os Papagaios-do-Congo. Nós já conseguimos causar um impacto no resgate e reabilitação de 1.200 papagaios confiscados nos Camarões. Por favor, nos ajude a continuar esse importante trabalho – descubra o que você pode fazer para ajudar!

www.parrots.org/savethegreys

Deixando selvagem – salvando uma espécie

Escrito por Kaitlin Studer

Viajando pela floresta tropical de Belize em estradas desconhecidas tão esburacadas que nossas cabeças batem no teto do veículo, nós atravessamos a savana de pinheiros só para ficar presos na lama duas vezes. Eu era parte de um time de estudantes e professores em busca do ameaçado Papagaio-campeiro (*Amazona oratrix*).

Acompanhado por Ivan Gillet, o patrulheiro do “Programa para Belize” responsável pelo programa de recuperação do Papagaio-campeiro, nós andamos pela savana em busca de locais de nidificação potenciais entre as árvores de Pinheiro Caribenhas. Ivan me explicou alguns dos problemas que ele enfrenta tentando salvar esse papagaio da extinção.

Nós chegamos até uma árvore que foi cortada com um facão deixando um enorme buraco 60 centímetros abaixo da entrada da cavidade do ninho. Ivan me explicou, “Esse buraco foi feito para alcançar os filhotes, puxando-os da parte inferior do ninho. Se eles (os traficantes) tentam alcançar pela cavidade se arriscam a ser mordidos”. Um segundo buraco era uma evidência de que essa árvore havia sido roubada duas vezes.

“Os Papagaios-campeiros começam na parte superior do pinheiro do Caribe e continuam em direção até abaixo à medida que o ninho se torna inútil”, Ivan explica. A captura tem contribuído em grande parte para o declínio da população de Papagaios-campeiros.

Esses Papagaios são muito populares no comércio de aves de estimação porque aprendem a falar com voz humana rapidamente. A savana de pinheiros na Área de Conservação e Administração do Rio Bravo (RBCMA) é o território da única população viável de Papagaios-campeiros que sobrou em Belize.

Foi nesse local onde trabalhei por duas semanas em Dezembro de 2006. O objetivo era aprender mais sobre o Papagaio-campeiro de modo a que eu pudesse criar materiais educativos para os patrulheiros distribuírem na periferia da RBCMA. O projeto foi financiado pela McMaster School for Advancing Humanity na Faculdade de Defiance, Ohio, EUA.

Ivan e eu retornamos para a savana alguns dias mais tarde e caminhamos até uma árvore que estava derrubada. No ano passado durante o monitoramento dos ninhos, Ivan registrou três filhotes saudáveis numa cavidade dessa árvore antes de terminar sua pesquisa ao anoitecer. Quando retornou na manhã seguinte, a árvore havia sido derrubada e os filhotes desaparecidos. Pior do que perder a ninhada foi a perda dessa árvore para nidificação.

A captura não é o único problema atingindo o Papagaio-campeiro. Em algumas áreas de Belize papagaios são mortos porque os locais os consideram uma peste. Os Papagaios-campeiros se alimentam da fruta do cajueiro, afetando a renda de muitos habitantes de Belize.

A população do papagaio também é ameaçada pela destruição do habitat como resultado de queimadas freqüentes. O ecossistema da savana de pinheiros não se adapta a queimadas. O fogo freqüente danifica alguns dos pinheiros Caribenhos e destrói muitos ninhos de papagaios.

No ano passado quando a savana de pinheiros no Rio Bravo foi queimada para facilitar a captura, mais de 15 ninhos de Papagaios-campeiros foram destruídos. Durante nossas conversas, Ivan também mencionou que os traficantes às vezes trazem crianças para ajudar pois elas podem alcançar mais facilmente os filhotes nas cavidades dos ninhos.

Esse foi um momento crucial para mim e a hora em que percebi que precisaria escrever um livro para crianças. Eu queria focar na importância de se proteger espécies ameaçadas e especificamente inspirar as crianças a deixar os Papagaios-campeiros no meio selvagem.

Naquela noite eu não consegui dormir, pensando nas palavras na minha mente que iriam convencer os jovens leitores a deixarem de lado uma prática que haviam aprendido desde pequenos e se modificarem em direção a conservação dos papagaios. Finalmente me levantei e comecei a fazer anotações de modo que pudesse lembrar os detalhes das explicações de Ivan como uma base para o livro.

Comecei a escrever o livro no dia em que retornei de Belize, não importando que fosse dois dias antes do Natal. Eu estava realmente animada. O capítulo sobre os traficantes foi difícil de criar. Tinha que ter em mente a possibilidade que meus leitores pudessem ter membros da família que praticassem a captura de papagaios.

Eu não queria alienar meus leitores, mas ainda assim queria que o texto fosse informativo, verdadeiro e com uma forte mensagem. Comecei a pensar no título que iria claramente descrever o desafio que o livro iria levar aos leitores. O objetivo do livro era inspirar os leitores a deixarem os animais selvagens no meio selvagem, e por isso o título – Deixando selvagem.

À medida que o livro era editado e impresso eu comecei a pensar sobre o que mais poderia fazer para educar as crianças de Belize sobre o meio ambiente. Eu sabia que precisaria fazê-los ficarem interessados e animados sobre o próprio ecossistema encontrado no quintal de casa, e o que vive nele.

Sabia que ao empenhar as pessoas com a preocupação sobre o meio ambiente isso iria levar a uma maior apreciação pelos papagaios e diminuir o tráfego. Foi nesse momento que decidi destinar o dinheiro advindo da venda do livro nos EUA para criar pacotes de equipamentos para observação de aves. Cada pacote conteria binóculos, um livro de identificação para aves da América Central e um livro de anotações à prova d'água.

Quando chegamos na estação de pesquisa no ano seguinte (Dezembro de 2007) eu estava nervosa e ansiosa para que Ivan visse o livro *Deixando Livre*. Ele gostou muito e ficou feliz que haviam cópias suficientes para que todas as crianças das escolas quer iríamos visitar. Nós distribuimos os pacotes de equipamentos e livros e eu pude conversar com as crianças sobre os papagaios e explicar aos professores como utilizar os pacotes de equipamentos e como incorporá-los nas aulas. E também criei um pôster educativo que exibimos em áreas públicas da periferia do habitat dos papagaios.

Durante essa viagem também realizei uma pesquisa sobre a biodiversidade em diferentes áreas para prover informações que pudessem ser utilizadas pelos patrulheiros de Rio Bravo de modo a convencer as pessoas a reduzir as queimadas na periferia da floresta tropical.

Numa tarde Ivan e eu fomos com o restante da equipe de professores e estudantes da Faculdade de Defiance para observar os papagaios voltando ao anoitecer. Ivan queria que eu falasse ao grupo sobre os problemas enfrentados pelos papagaios. Eu os mostrei como procurar por possíveis locais para nidificação e os desafiei a encontrar uma árvore apropriada para ninho de Papagaio-campeiro.

Eles apontaram um grande pinheiro do Caribe próximo. Enquanto andávamos até ele, eu percebi que era a árvore com ninhos roubados que Ivan havia me mostrado no ano anterior. À medida que andamos em volta da árvore eu expliquei que os grandes buracos não haviam sido feitos pelos papagaios mas sim pelos traficantes para roubar os filhotes. As suas expressões nos rostos eram exatamente iguais a minha quando vi a árvore pela primeira vez – totalmente arrasados e quase não acreditando no que viam.

Muitos dos estudantes vieram conversar comigo aquela noite sobre isso. Eles disseram que não tinham idéia de que isso era um problema tão sério. Ver com os próprios olhos fez com que valorizassem minha paixão por informar as pessoas e ensinar sobre esse grave problema.

A população de Papagaios-campeiros não vai aumentar, tampouco a de qualquer outra espécie ameaçada, se as pessoas não forem informadas. Só é preciso uma pessoa para fazer a diferença então, por favor, espalhe a notícia para salvar uma espécie da extinção. E como meu livro infantil termina, “Sempre lembre de deixá-los selvagens”.

Kaitlin Studer é bióloga na Faculdade de Defiance em Ohio, EUA. Para mais informações sobre seu livro “Deixando selvagem” ou sua iniciativa em Belize contate no e-mail leaving.wild@gmail.com

Fotos:

Os pinheiros do Caribe (acima) em Belize carregam as cicatrizes feitas pelos traficantes ao procurar por Papagaios-campeiros (acima). Kaitlin Studer, aqui vista com o líder do projeto Ivan Gillett, escreveu um livro infantil para ajudar a aumentar a consciência ambiental e orgulho da população de modo a proteger o papagaio.

Cada criança em três escolas diferentes receberam uma cópia do livro bilíngue de Kaitlin – *Deixando Selvagem*. Pacotes de equipamentos e pôsteres educativos também foram distribuídos.

PsittaNews

Eventos:

Workshop sobre comportamento de psitacídeos, treinamento e enriquecimento ambiental, dia 13 e 14 de Setembro em Hayle, Cornwall.

Feedback do workshop anterior:

“Eu acabei de retornar do primeiro curso para donos de aves de estimação organizado pelo World Parrot Trust e Santuário para Vida Selvagem do Paradise Park, e gostaria de recomendá-lo aos outros leitores. O curso de dois dias abordou os seguintes tópicos:

- 1 – Interpretando a linguagem corporal das aves
- 2 – Técnicas de reforço positivo

- 3 – Problemas de comportamento
- 4 – Enriquecimento ambiental

O curso foi realmente no estilo de um workshop com apresentações em aulas, discussões de casos e práticas com os lindos residentes do Paradise Park. A equipe foi muito prestativa e receptiva. Eu voltei com muitas idéias novas e muitos conceitos antigos modificados.

Gostaria de recomendar esse curso para todos que levam a sério dar a seus psitacídeos de estimação a melhor qualidade de vida possível”.

Para agendar sua inscrição para os próximos treinos contate Karen Whitley do nosso escritório no Reino Unido ou online: www.parrots.org . Telefone 01736 751026 ou email uk@worldparrottrust.org

Parrotnews

O “Azul Norueguês” é descoberto:

Uma espécie de ave antiga foi encontrada na Ilha de Mors na Dinamarca e já foi apelidada de “Azul Dinamarquês” em homenagem ao papagaio “Azul Norueguês” que apareceu no seriado de comédias Monty Python nos anos 70.

O fóssil, um grande osso da asa, o úmero, representa o osso mais antigo e encontrado mais ao norte jamais descoberto, citam os autores do estudo. Os fósseis de psitacídeos são raros devido ao seus ossos serem pequenos e leves tendendo a se desfazerem antes que possam ser fossilizados.

A descoberta sugere que os psitacídeos evoluíram no hemisfério Norte antes de se dividirem em centenas de espécies diferentes nos trópicos. Hoje em dia nenhum psitacídeo selvagem vive no hemisfério norte, mas o recém descoberto Azul Dinamarquês voava sobre uma Escandinávia muito mais luxuriante e tropical, que seria similar ao habitat moderno dos psitacídeos.

Fonte: Matt Kaplan para o National Geographic News, 23 de Maio, 2008.

Papagaios Eclctus são soltos:

Em Fevereiro de 2008, a ProFauna Indonésia recebeu uma denúncia sobre seis Eclctus (*Eclctus roratus*) que estavam para ser contrabandeados de Maluku para Sulawesi. Eles aconselharam o departamento florestal que frustrou a tentativa de tráfico. Infelizmente os oficiais do governo não prenderam o criminoso que alegou que os papagaios eram presentes, mas apreenderam as aves.

A ProFauna acredita que o indivíduo é um traficante profissional já que ele cruelmente enfiou as aves em canos de PVC. Os Eclctus são protegidos pelas leis de proteção a vida selvagem. O comércio é proibido e os contraventores podem pegar um máximo de cinco anos de prisão e multas.

Com o patrocínio proporcionado pela ProFauna, os oficiais do governo libertaram as aves na floresta de Maluku dentro de poucos dias. A ProFauna também auxiliou os oficiais em observações feitas 4 dias após a soltura e continua a pressionar o governo a fazer vigorar a lei de modo a impedir o comércio ilegal e a prender os criminosos.

Fonte: Notícias ProFauna – Março de 2008.

Papagaio em Tóquio salva a si próprio:

A polícia resgatou um Papagaio-do-Congo de um telhado perto de Tóquio. Depois de passar a noite na delegacia, ele foi transferido para um hospital veterinário próximo enquanto que a polícia procurava pistas. Ele ficou calado com os policiais, mas começou a falar após alguns dias com o veterinário.

“Eu sou o Senhor Yosuke Nakamura” a ave contou para o veterinário. O papagaio também contou seu endereço, o inclusive com o número da casa, e até entreteu a equipe do hospital cantando músicas. “Nós verificamos o endereço e quem diria, uma família Nakamura realmente vivia lá. Então nós contamos que Yosuke havia sido encontrado”.

A família Nakamura disse a polícia que eles haviam estado ensinando a ave o seu nome e endereço por dois anos. Mas Yosuke aparentemente não estava muito disposto a se abrir com um oficial da polícia que nos conta “Eu tentei ser amigável e conversei, mas ele me ignorou completamente.”

Fonte: <http://www.foxnews.com>

Kakapos na vitrine:

Milhares de pessoas do sul da Nova Zelândia ficaram admiradas com seis papagaios verdes no final de semana. As pessoas foram convidadas a verem as mais novas adições à pequena, mas crescente população de Kakapos. Somente 91 aves, incluindo filhotes, ainda sobrevivem.

O departamento de Conservação permitiu uma visita pública e quase 3000 tiveram a oportunidade de ver os seis papagaios no Clube Invercargill Workingmen's ontem. As pessoas esperaram em filas antes de serem liberadas até uma sala com um recinto coberto com vidros, exibindo os seis jovens Kakapos cercados por samambaias, troncos de árvores e gramíneas.

Fonte: <http://www.stuff.co.nz>

Pesquisa

Te convidamos a participar numa rápida pesquisa para nos ajudar a conhecer mais sobre nossa comunidade.

Quem é você e o que mais importa em sua opinião?

Que tipo de informações você considera mais úteis vindas do World Parrot Trust?

Nosso objetivo é criar uma comunidade ativa devotada a salvar os psitacídeos e que satisfaça o que você necessita de informações, avisos e ações. Suas respostas anônimas nos ajudarão em muito a planejarmos nossos esforços de expansão para o próximo ano.

Juntamente com essa edição da PsittaScene você encontrará um pequeno formulário. Apenas levará alguns minutos para completá-lo e nos mandar de volta. Ou ainda melhor, complete o formulário de pesquisa online acessando: www.parrots.org/survey

Agradecemos antecipadamente sua ajuda e consideração!

Muito obrigado

Gostaríamos de mandar nossos extensos agradecimentos para as seguintes pessoas e organizações pelo seu apoio durante os últimos meses quando diversos eventos sobre psitacídeos ocorreram com o objetivo de ajudar o World Parrot Trust.

Vivendo e Aprendendo com Psitacídeos:

A famosa especialista em comportamento Dr. Susan Friedman acolheu dúzias de participantes em um curso de treinamento online de 8 semanas com o objetivo de ensinar os principais métodos de comportamento de psitacídeos. Se pede aos estudantes que doem um mínimo de 50 dólares para uma causa valorosa para as aves e o World Parrot Trust foi uma vez mais o receptor da generosa ação. O dinheiro acumulado passou de 2.000 dólares.

Os próximos cursos já estão agendados e os participantes interessados podem receber mais informações ao visitar o site www.behaviorworks.org

Fundação Phoenix Landing:

No dia 10 de Maio de 2008, essa organização sem fins lucrativos que proporciona programas educacionais sobre manejo adequado de aves, organizou um evento com o convidado Steve Martin da Natural Encounters Inc. A renda de um leilão anônimo foi doada ao WPT totalizando 1.500 dólares.

Conferência: Compreendendo o Comportamento:

Uma bem sucedida conferência ocorreu em Scarborough, Ontario, Canadá. Quarenta e cinco participantes de dez estados Americanos e três províncias Canadenses participaram no evento bastante interativo, que contou com a participação do adestrador Bob Bailey, a especialista em comportamento Dra. Susan Friedman, PhD, e o adestrador de reforço positivo Phung Luu. O evento organizado por Pat e Lorne Phillips também contou com uma rifa cujo rendimento foi doado ao WPT. A arrecadação somou 800 dólares.

ThePerchStore.net :

Essa loja online de produtos para psitacídeos generosamente ofereceu uma porcentagem de todas suas vendas ao WPT nos meses de Abril, Maio e Junho de 2008. A doação recebida totalizou 785 dólares.